



## ARQUEOLOGIA E REPRESENTAÇÃO: A FAIANÇA FINA NA URUGUAIANA DO SÉCULO XIX

Jeremyas Machado Silva<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo é resultado da análise do consumo da faiança fina europeia em Uruguaiana, do final do século XIX até a segunda década do século XX. Neste estudo, os produtos de cerâmica são percebidos como signos que carregam uma definição social sendo capazes de expressar identidades e valores. O consumo da faiança fina em Uruguaiana neste período inclui-se ao movimento portuário, ao comércio e ao contrabando que envolve o próprio imaginário social da fronteira do Brasil com a Argentina e Uruguai, além disso, a região encontrava-se em desenvolvimento político, social e econômico. Assim, buscou-se relacionar ao estudo da cultura material a análise de documentos, fotografias e anúncios nos jornais locais pertencentes ao período histórico pesquisado. Foi possível estabelecer uma profunda relação interdisciplinar, analisando as fontes arqueológicas e históricas e compreendendo através delas, os hábitos e as representações simbólicas da sociedade uruguaiense na transição do século XIX para o século XX.

**Palavras-chave:** Faiança Fina – Uruguaiana – Arqueologia – Representação

### INTRODUÇÃO

Este estudo compreende a cultura material como linguagem, representação e expressão simbólica, ligada a um modelo de comportamento social sustentado pelo comércio e pelo consumo das mercadorias e dos valores europeus em Uruguaiana, no final do século XIX. A principal fonte de pesquisa deste trabalho é a Faiança Fina,

---

<sup>1</sup> Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo. Mestre em História das Sociedades Ibéricas e Americanas com orientação em Arqueologia pela PUCRS. Professor nas Faculdades Integradas Machado de Assis. E-mail: jeremyass@gmail.com

cerâmica de origem europeia muito popular na América Latina oitocentista e escavada nos sítios arqueológicos de Uruguaiiana.

A história revela que desde a antiguidade as práticas comerciais sempre constituíram sólidas relações sociais. Sendo assim, diversos grupos conviveram trocando experiências, hábitos e culturas através do comércio. Os diferentes idiomas nunca impossibilitaram que houvesse entendimento entre povos de costumes distintos, isto porque, os objetos ou mercadorias sempre funcionaram como linguagens. De acordo com Hilbert “os arqueólogos transformam a cultura material em palavras, linguagens” (HILBERT, 2009, P. 12) isso torna a arqueologia mais acessível, pois a linguagem é uma importante particularidade humana, assim como a capacidade de criar cultura material.

No referencial teórico deste texto, utilizaram-se importantes autores como, por exemplo: Douglas e Isherwood (1979), Bourdieu (1984), Appadurai (1986), Miller (1987), McCracken (1988), Veblen (1983), Lefebvre (1984), Hilbert (2009) e Symanski (2008).

Busca-se um diálogo entre a Arqueologia, Antropologia, Sociologia e História. Destarte, disserta-se sobre duas pesquisas arqueológicas realizadas em Uruguaiiana nos espaços urbano e rural.

Os sítios arqueológicos pesquisados diferenciam-se em contexto paisagístico (cidade e campo), mas ambos combinam elementos econômicos. Ao compreender-se o consumo incluso ao contexto da fronteira notou-se que os hábitos rurais e urbanos achavam-se conectados. As amostras retiradas dos dois sítios consistem em fragmentos de louças, cerâmicas, vidros, telhas e metais demonstrando tal conexão. O principal objetivo da pesquisa foi compreender, relacionando dados históricos e arqueológicos, o papel simbólico do consumo da Faiança Fina em Uruguaiiana nos séculos XIX e XX.

## **CONSUMO E SIGNIFICADO**

Na História percebe-se a existência de rituais de consumo e elevados fluxos ideológicos que professam ritos, valores e significados vinculados aos objetos. A cultura material possui valor social e não somente, valor econômico, assim, pode exercer a mediação de relações sociais. O consumo assume um papel importante neste processo. Para Douglas e Isherwood, o consumo é estudado por meio de inferências

antropológicas e entendido como um fenômeno cultural que explica a sociedade (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1979). No trabalho de Mary Douglas o consumo e a cultura material são percebidos como sistemas de comunicação. Suas pesquisas revolucionaram estes campos de estudo e contribuíram à arqueologia desenvolvendo metodologias que alcançassem uma melhor compreensão dos simbolismos presentes nos objetos.

A linguagem era empregada às mercadorias que circulavam no comércio de Uruguaiana e o consumo de produtos importados da Europa oferecia àquela sociedade a imitação do modo de vida europeu. A cultura material é uma linguagem simbólica, conforme Hilbert, “pesquisas recentes sobre cultura material valorizam os significados das coisas e partem da ideia de que podem ser vistos como signos que auxiliam seus donos e usuários na comunicação entre pessoas, além de expressar suas identidades” (HILBERT, 2009, p.16).

Segundo os estudos de Bourdieu existe uma possibilidade de compreensão das classes ou grupos sociais por meio dos objetos. No pensamento do autor, os objetos são compreendidos como bens simbólicos, através dos quais, a sociedade pode comunicar os seus valores e ideias (BOURDIEU, 1984). É ainda provável a concepção de um “espaço de relações” perfazendo e multiplicando os valores ou ideais próprios pertencentes a uma sociedade. É importante para a interpretação da cultura material e dos signos que os objetos carregam compreender-se também o espaço que estes ocupam. Não simplesmente um espaço físico qualquer, mas um espaço social constituído por pessoas distintas, por diferentes classes, e por fim, com diferentes costumes e crenças como na fronteira.

De acordo com Lefebvre, igualmente fica claro, que um espaço é percebido como resultado das relações contidas na sociedade (LEFEBVRE, 1984). Este espaço interatua com a mesma, oportunizando e concebendo o relacionamento social. Por isso, toma-se neste trabalho, o conceito dado por Bourdieu sobre o “espaço de relações” para que se possa atingir uma proximidade de compreensão sobre as interações sociais advindas do consumo das importações na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Segundo Bourdieu:

O que existe, é um “espaço de relações” o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e, sobretudo em tempo (ir de baixo para cima é guindar-se, trepar e trazer as marcas, ou estigmas desse esforço). Também as distâncias medem nele em tempo (de ascensão ou de reconversão, por exemplo). É a probabilidade da mobilização em movimentos organizados, dotados de um aparelho e de porta-voz (precisamente aquilo que leva a falar de classe) será inversamente proporcional ao afastamento nesse espaço (BOURDIEU, 1992, p. 137).

O consumo deve ser percebido como um meio de exibição social. Nem sempre o consumo de um produto suprirá somente necessidades práticas, mas, além disso, ele poderá estar preenchendo lacunas nas formas de relacionamentos sociais e servir como meio de comunicação e afirmação de identidade. Quando entendemos este processo percebe-se que, quando a sociedade consome um determinado objeto ela está também consumindo valores. Assim, a humanidade se inventa através dos objetos e do consumo, pois estes estão carregados de múltiplos valores que estabelecem e compõem a vida social. Segundo Veblen:

Para o homem ocioso, o consumo conspícuo de bens valiosos é um instrumento de respeitabilidade. À medida que acumula riqueza, ele é incapaz, sozinho, de demonstrar a própria opulência. Recorre, por isso, ao auxílio de amigos e rivais, dando-lhes presentes valiosos e convidando-os para festas e divertimentos dispendiosos. É verdade que as festas e os divertimentos se originaram, provavelmente, no simples sentimento ingênuo de ostentação, bem cedo, todavia, adquiriram aquela utilidade de consumo conspícuo, retendo até hoje esse caráter, assim, essa utilidade há muito é o fundamento substancial do seu uso. (VEBLEN, 1983, p. 38).

As relações que as pessoas mantêm com os objetos, e de que modo estes, de certa forma, induzem o comportamento, é também, uma questão examinada pela arqueologia e pela antropologia. Daniel Miller entende o consumo como uma construção cultural dos indivíduos e não, exclusivamente, como uma implicação do sistema capitalista (MILLER, 1987). Assim, antes de qualquer análise, adota-se como suporte inicial, o fato de que o ser humano não pode ser compreendido fora da cultura.

A cultura material é entendida como uma projeção do imaterial, ou seja, dos valores, das crenças, das aspirações e das representações. Quando um objeto é significado, ocorre então, o surgimento da experiência humana, o que podemos chamar

de cultura. É por isso, que o ser humano não existe fora da cultura, pois as pessoas atribuem sentidos e significados a uma amplidão de objetos, substâncias, sons, lugares ou acontecimentos. Se apropriar, significar e valer-se de um objeto, por exemplo, encontra-se na parte de um todo, o consumo.

Para Miller, “consumir algo é usar algo, na realidade, destruir a própria cultura material” (MILLER 2007, p. 34). O importante é nos darmos conta, que é através do consumo, que os indivíduos estabelecem as relações sociais. Os bens de consumo formam ligaduras que conectam a sociedade por meio de diversos signos, expressam os valores, a moda, a tecnologia, e múltiplas formas que são todas postas como diferentes linguagens que montam uma grande rede de comunicações, e tudo isso envolve os objetos. De acordo com Hilbert “fica evidente, pela experiência em sala de aula, que arqueólogos transformam coisas em palavras, dão nomes às coisas, usando palavras e, por meio dessas palavras, fazem arqueologia” (HILBERT, 2009, p. 15).

Assim, por meio de palavras, busca-se uma reflexão arqueológica sobre o consumo da Faiança Fina em Uruguaiana. Na Europa do século XIX, quando para os ingleses era considerada importante a cerimônia do chá, a Faiança Fina foi muito utilizada e estava perfeitamente harmonizada com o cenário burguês. Durante os seus diversos períodos de fabricação, partindo do final do século XVIII ao início do século XX, a Faiança Fina europeia passou por transformações em seu modo de produção. Neste processo, ganhou o emprego de diferentes tecnologias na constituição da sua pasta e seu esmalte, obtendo variadas técnicas na aplicação de estilos e padrões de decoração.

Sobre a cerâmica foi possível aplicar formas decorativas e artísticas, pinturas, transferências de imagens, relevos e carimbos, processos que, ao longo dos anos foram ganhando características singulares conforme o aperfeiçoamento da indústria. Desta forma, com o emprego e a valorização da arte nas peças, esta louça tomou o cenário burguês ganhando além da sua posição prática e funcional, uma conotação simbólica de *status*. Além disso, tornou-se um importante produto de exportação para as Américas.

## **EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS NA ESTÂNCIA**

O desenvolvimento tecnológico no processo de produção da Faiança Fina permitiu que houvesse um aumento na produção, no consumo e na sua distribuição por

diferentes lugares do mundo atrelando hábitos e valores burgueses que foram associados à cultura material. Assim, não se trata apenas de um fator de propensão exclusivamente tecnológico, pois, a tecnologia é definida claramente como fenômeno cultural, como incorporação física da ordem social (REDE, 1996). Destarte, será realizada na sequência, uma explanação sobre a coleta dos dados arqueológicos e trabalho de campo realizado na Estância São Roque em Uruguaiana em 2007.

Esta propriedade que outrora pertenceu ao General Bento Martins de Meneses<sup>2</sup> conhecido como Barão de Ijuí foi, num passado não muito distante, parte de uma sesmaria situada na fronteira oeste da província. Esta se achava contornada pelos rios Touro Passo, Imbaá e Uruguai espaço que em nossa época ainda é sustentado pelas práticas agrícolas e pastoris, principais fatores econômicos da fronteira. O referido local, atualmente desmembrado em estâncias, nas quais se situam duas propriedades de pertencimento da família Simonetti foi sobrevivendo às gerações do mencionado General que, além disso, foi um dos principais militares do exército do Império do Brasil durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

Em local muito próximo à estância localizava-se outrora a Estação Férrea Touro Passo (*The Brazil Great Southern Railway Co.*), sendo que esta, no período estudado, significou um marco espacial compondo um trecho de trilhos que interligava municípios e distintas localidades da Fronteira Oeste.

Ficou manifesto que este contexto espacial, “a estância”, está perpetrado de sucessivos povoamentos que deixaram significativas marcas socioculturais atualmente achadas tanto nos vestígios arqueológicos, como também, estampadas nos traços etnológicos da sociedade da fronteira. Os remanescentes arqueológicos localizados e estudados nesta pesquisa, principalmente a Faiança, foram coletados durante um processo de escavação desenvolvido na Estância São Roque propriedade de Elio João Simonetti.

O sítio arqueológico apresentava características estruturais comuns a uma ocupação do período final do século XIX ou início do século XX incluindo-se a um contexto de comércio e contrabando estabelecido em Uruguaiana e próximo aos rios Uruguai e Touro Passo. A dimensão total da estrutura encontrada no local, visivelmente

---

<sup>2</sup> Bento Martins de Meneses (1818 – 1881).

uma residência, permanecia de difícil compreensão, pois o local já havia sofrido diversas intervenções de ocupação, estas advindas principalmente, à prática da criação de gado e da agricultura. Inclusive, o que havia sobrado da estrutura foi achado quando o proprietário da Estância São Roque preparava uma porção de terras para mais uma prática de cultivo, determinando assim, a identificação do sítio arqueológico pelos pesquisadores. Supõe-se que a estrutura encontrada era semelhante à outra conservada e situada a poucos metros do local. Ainda, é importante mencionar que na proximidade encontrava-se uma antiga cerca de pedras evidenciando um contexto de ocupação para a interpretação arqueológica.

Durante a pesquisa foram coletados no entorno da estrutura escavada, além de fragmentos de telhas, grés e cravos de metal, alguns fragmentos de vidros, principalmente gargalos de garrafas. Alguns destes fragmentos possuindo colorações escuras e apresentando bolhas de ar formadas durante o processo de fabricação o que evidencia uma datação mais antiga para os vidros cabendo à transição do século XIX para o século XX, outros pedaços, em menor número, eram mais recentes.

Um fragmento de vidro apresenta a inscrição: *Fratelli Branca Milano*, reportando-se a uma garrafa de bebida destilada advinda da Itália provavelmente da última década do XIX ou da primeira década do século XX. Esta bebida era amplamente comercializada na época em grandes centros de comércio sul-americanos, como por exemplo, as cidades de Buenos Aires e Montevideu as quais Uruguaiiana manteve afinidades comerciais concretas durante todo o período analisado.

Foram encontrados, além disso, múltiplos fragmentos de Faianças Finas com esmalte quase homogeneamente *whiteware*, alguns, embora muito poucos, possuindo o selo do fabricante com a inscrição *Royal Ironstone China* na parte superior do brasão e *Alfred Meakin. Ltd. England* na parte inferior. Outros fragmentos tinham indícios da inscrição *Royal Patent Ironstone* na parte superior do brasão e *George Jones & Sons. England* na parte inferior. Esta indústria teve o início da sua produção, a partir do ano de 1873 na Inglaterra.

Acharam-se também no sítio, evidências materiais de louças mais recentes, apontando uma sobreposição de ocupações no mesmo local. Entre os padrões decorativos das Faianças encontradas no sítio arqueológico é razoável destacar os seguintes modelos: superfície modificada como trival e pintada sobre superfície modificada, como por exemplo, o padrão *Shell Edged* com início de produção a partir

de 1780. Além disso, outros modelos como, por exemplo: faixas e frisos, motivos florais pintados à mão, *transfer printing* e estilo *chinoiserie* inspirado em cenas orientais com o início de sua produção aproximadamente em 1816.

## **EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS NA CIDADE**

Uruguaiana sempre esteve inserida em dois contextos: cidade e campo. Isto possibilitou que houvesse um interessante processo de movimento e trocas nos hábitos e significados culturais durante o desenvolvimento urbano no final do século XIX e início do século XX. Estes contextos compuseram grande parte da identidade cultural e permitiram um desenvolvimento econômico que, além de ser combinado e alcançado nas casas de comércio da cidade era ainda obtido pela elite estancieira com a produtividade rural. De tal modo, buscou-se a relação histórica entre cidade e estância perfazendo, portanto, a ligação de dois contextos arqueológicos, dois sítios escavados, um no espaço rural e outro no espaço urbano. Assim, apresenta-se uma paisagem sociocultural combinada e peculiar, ainda muito característica da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

Portanto, para tornar possível a realização do estudo arqueológico no centro da cidade de Uruguaiana e encontrar vestígios do consumo de faianças pela sociedade de outrora, assim como no sítio localizado na estância, foi necessário primeiro delimitar uma área a ser pesquisada. Para isso, definiu-se o centro de Uruguaiana por, historicamente, possuir um conjunto de habitações antigas e havendo neste caso, estruturas que possuíam padrões arquitetônicos característicos ao período estudado, a transição do século XIX para o século XX, momento de importante expansão urbana. No modelo arquitetônico dessas residências foi oportuna a clara presença da cultura europeia, tanto nos padrões de decoração e, além disso, nos lineamentos físicos como, por exemplo, as grandes aberturas frontais, os tipos de telhas e, conseqüentemente, o posicionamento das habitações no alinhamento dos passeios públicos da cidade.

Atualmente há um grande número de estruturas arquitetônicas no centro de Uruguaiana que possuem tais características, embora muitas dessas estruturas tenham recebido modificações relacionadas às reformas para a moradia ou para o atual comércio. Este último tem sido o principal agente motivador na transformação das

fachadas das antigas residências em Uruguaiana. Alguns prédios também são demolidos, o que inevitavelmente procede a destruição do patrimônio histórico da cidade.

Este, a despeito da modernidade, ainda carrega quaisquer resíduos de uma época possuidora de arquitetura bela e nobre, embora esta seja de tal modo, herança de uma visível dependência cultural advinda da Europa. Conforme Weimer:

Desde sua constituição como países independentes, as nações latino-americanas vêm apresentando grandes dificuldades em se libertar da condição colonial. Mesmo que a maioria destes países já esteja se aproximando do segundo centenário de sua administração autônoma, a condição de países periféricos aos grandes centros econômicos mundiais fomentou o desenvolvimento também dependente destes mesmos centros. Isso vale para a cultura em geral e para a arquitetura em particular (WEIMER, 2002, p. 13).

Por combinarem-se corretamente aos citados padrões estabelecidos pelo modelo arquitetônico e pelo contexto histórico a que pertenciam alguns dos remanescentes materiais observados, a pesquisa arqueológica foi desenvolvida na área urbana e realizada em uma habitação privada. O terreno onde esta se encontra no centro da cidade possui a medição de 22 metros de frente e 76 metros de comprimento.

Percebeu-se um contexto arqueológico onde foi corretamente plausível relacionar a habitação com outros diversos aspectos materiais encontrados dispersos no mesmo local estudado como, por exemplo, fragmentos de faianças, vidros, grés e telhas que se encontravam dispersos pela extensão do terreno. Também foi possível perceber que algumas das telhas da habitação teriam sido substituídas de modo recente por modelos com fabricações contemporâneas por já estarem bem danificadas por exposição ao tempo fazendo com que as antigas fossem depositadas no mesmo local achando-se dispersas nos limites da área pesquisada. Desse modo, foi possível evidenciar-se o contexto arqueológico do local.

De acordo com Schiffer, “com o descarte os itens materiais deixam de fazer parte do contexto sistêmico, relacionado ao seu ciclo de vida dentro de um sistema cultural e passam para o contexto arqueológico, tornando-se objetos de investigação do arqueólogo” (SCHIFFER, Apud, SYMANSKI, 1998, p. 125). Assim, realizou-se a primeira intervenção no local estudado, incidindo apenas em uma coleta superficial do material. Este material versava os fragmentos dispersos por toda extensão do pátio da

residência localizado na parte de trás da estrutura arquitetônica onde se realizou a coleta das evidências arqueológicas.

Levaram-se em consideração as condições adversas em que se encontrava o solo. A ausência de níveis estratigráficos foi evidente, pois a perturbação do solo foi constantemente repetida devido às práticas de jardinagem e cultivo de hortaliças, acúmulo de vegetações e recente depósito aleatório de objetos ou descarte de lixo. Considera-se que, até o século passado, havia ali uma lixeira de uso doméstico e particular para o descarte de materiais não mais úteis, mas a mesma havia sofrido intervenções posteriores devido às problemáticas citadas acima. Isto causou ainda a dispersão dos indícios arqueológicos pelo terreno, reduzindo-se assim, as possibilidades de uma melhor análise comparativa do mesmo com relação ao grupo familiar que o fizera uso e, logo após, o descartou como lixo doméstico, pois assim, foram causados danos no contexto do sítio.

No desenvolvimento do trabalho arqueológico realizou-se a abertura de um poço teste com a medição de 2m<sup>2</sup>. Deste local foram retirados alguns fragmentos de faiança fina, vidros e metais em decomposição. Contudo, durante a pesquisa de campo coletou-se na residência um importante conjunto de fragmentos de louças com os seguintes padrões decorativos: Faixas e frisos, Willow, azul borrão, Cut Sponge entre frisos coloridos e Spatter. Além disso, recolheram-se fragmentos de faianças com o padrão trigal de superfície modificada.

Seguindo o mesmo modo de análise das faianças adaptado e apresentado por Tocchetto (2001), desenvolveu-se esta pesquisa estudando e catalogando inicialmente, os fragmentos de cerâmica coletados em ambos os sítios arqueológicos pesquisados na cidade de Uruguaiana. Conforme a metodologia, os materiais foram analisados de acordo com: cor, padrão decorativo, modelo, selo do fabricante se impresso na peça, motivo decorativo, cena ou paisagem posta na cerâmica, variações decorativas em uma única peça e estilo. Estes fragmentos são evidências materiais que resistiram as desventuras e mistérios do tempo sob os curiosos, às vezes, confusos, mas quase sempre seguros arquivos do solo, sendo hoje, reveladores da vida social de pessoas e coisas.

Ao realizar o cruzamento dos dados arqueológicos obtidos nos processos de escavação dos sítios de Uruguaiana ficou evidente que em ambos os contextos “cidade” e “estância” o consumo da louça era idêntico. Os mesmos padrões de definição das mercadorias como, por exemplo, tipo de pasta, esmalte e decoração estavam mantidos

nos dois sítios estudados. Existem talvez dois motivos que possam esclarecer a relação dos contextos arqueológicos.

O primeiro deles é que a louça, caracterizando-se como uma mercadoria foi inserida em um processo de comercialização na fronteira e este abrangeu tanto a cidade como o campo, pois estes dois elementos foram economicamente amarrados um ao outro. No entanto, os novos hábitos sociais da fronteira não extinguiram os costumes do cotidiano rural, ao contrário disso, as práticas urbanas e rurais coexistiram e a faiança esteve disponível em ambos os lados. Em segundo, este processo quando observado antropologicamente deixa evidente que houve não somente um consumo usual de coisas materiais e vazias de significados, mas bem mais que isso, houve um consumo de importâncias sociais. Estas estavam configuradas em moldes culturais europeus e estabelecidas em um amplo espaço social, a fronteira.

É importante registrar que a faiança e os demais objetos que adentraram esta zona comercial são entendidos neste trabalho como mercadorias, e atendem desse modo, a uma definição marxista para o termo. Sob a análise de Appadurai, “mercadorias são, em geral, vistas como típicas representações materiais do modo de produção capitalista, mesmo quando classificadas como triviais, e seu contexto capitalista como incipiente” (APPADURAI, 2010, p. 20). Aliás, não haveria de ser somente uma indústria que iria agenciar o modelo social vigente na fronteira, como por exemplo, o caso dos saladeiros, pois a sociedade também foi influenciada pelos aspectos capitalistas contidos nos produtos importados que circulassem na região.

O antropólogo Arjun Appadurai em seu livro *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural* ainda faz referência ao desenvolvimento do pensamento de Karl Marx a respeito do que se entende por mercadorias. Este pensamento de Marx se faz importante neste contexto e requer ser citado logo abaixo na íntegra. De acordo com Appadurai:

Contudo, nos textos do próprio Marx, pode-se encontrar a base para uma abordagem das mercadorias muito mais abrangente e profícua de um ponto de vista intercultural e histórico, cujo espírito se vai atenuando, à medida que ele passa a estar envolvido nos detalhes de sua análise do capitalismo industrial do século XIX. De acordo com esta primeira formulação, para produzir mercadorias, em vez de meros produtos, um homem tem de produzir valores de uso para outros, valores de uso sociais (APPADURAI, 2010, p. 21).

Assim, é possível compreender que os fragmentos achados nos contextos arqueológicos fizeram parte de um singular processo que alentou os hábitos de consumo da sociedade na fronteira. Uruguaiana nascida às margens do Rio Uruguai foi marcada, desde o início da sua trajetória, pela forte presença do comércio o qual forneceu subsídios econômicos, políticos e sociais ao Rio Grande do Sul e ao Brasil em diferentes períodos da história.

## CONCLUSÃO

Compreender a identidade da sociedade contemporânea envolve a percepção e estudo de todo um contexto de relações sociais que podem ser criadas por meio de conjunturas políticas ou econômicas como, por exemplo, o caso do contrabando de mercadorias na fronteira oeste ou o consumo da Faiança Fina em Uruguaiana no final do século XIX e início do século XX. A construção da identidade atravessa os estágios do pensamento e incorpora meios materiais tornando-os importantes representações sociais.

O consumo pode ser além de prático e indispensável, uma ação simbólica que divulga a identidade de um grupo social. Conforme Silva, “tanto para a antropologia quanto para a psicologia, a identidade é um sistema de representações que permite a construção do “eu”, ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros” (SILVA, 2009, p. 202). Assim, conclui-se que a identidade dos grupos sociais está associada ao consumo. A cultura material não apenas representa, mas, além disso, intervém na formação social e cultural dos indivíduos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da universidade federal fluminense. 1º reimpressão, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

GLASSIE, H. *Material Culture*. Indianápolis, Indiana University Press, 1999.

HILBERT, Klaus. **Diálogos entre substâncias, coisa, cultura material e palavras**. *Métis: história e cultura* – v. 8, n, 16, p. 11-25, jul./dez.2009.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**, 1974.

McCRACKEN, Grant. **Cultura e consumo**: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MILLER, Daniel. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Brasil Blackwell, 1987.

MILLER, Daniel. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n° 28, p.33-63, jul./dez.2007.

REDE, Marcelo. **História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material**. *Anais do museu paulista*. São Paulo. N. Sév. V.4 p. 265-82 jan./dez. 1996.

RHODEN, Luiz Fernando. **As relações arquitetônicas do Rio Grande do Sul com os países do Prata**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

SILVA, Kalina Vanderlei, **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo, Editora Contexto, 2009.

SHÁVELZON, Daniel. **Catálogo de cerâmicas históricas de Buenos Aires (siglos XIX e XX)**. *Com notas sobre la región del Rio de la Plata* / Buenos Aires: Fundación para la Investigación del Arte Argentino, 2001.

SHÁVELZON, Daniel. **Arqueología histórica de Buenos Aires**. La cultura material porteña de los siglos XVIII y XIX. Editorial Corregidor, Buenos Aires, 1991.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX** / Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. **Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos**. *Revista de arqueologia*, 21, n°2: 73-96, 2008.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. **A faiança fina em Porto Alegre – Vestígios arqueológicos de uma cidade** / Porto Alegre, Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

VEBLEN, Thorstein Bunde, 1857-1929. **A teoria da classe ociosa**: um estudo econômico das instituições. Tradução de Olivia Krähenbühl; apresentação de Maria Hermínia Tavares de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Os economistas.